

Vêdes vós todo aquelle bolir, vêdes todo aquelle andar, vêdes aquelle concorrer ás praças e cruzar as ruas; vêdes aquelle subir e descer as calçadas, vêdes aquelle entrar e sahir sem quietação sem socego? Pois tudo aquillo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer (A. V., S. 44).

703. AS FÓRMAS NOMINAES DO INFINITO. As fórmas nominaes simples do infinito são: o *presente*, o *participio* e o *gerundio*.

a) O *presente* tem valor de *substantivo*, e como tal é frequentemente tractado na phrase: *um sabio parecer*, *um bello fallar*, *o continuo murmurar*, *o poder*, *o prazer*, *o saber*.

O *presente* do infinito, assim substantivado, póde ser tractado inteiramente como substantivo, ou póde-se-lhe deixar o valor regencial de verbo, p. ex.: *o passar da ponte* e *o passar a ponte*, *o relator dos factos* e *o relatar os factos*, *o cahir das folhas* e *o cahirem as folhas*, *o pôr do sol* e *o pôr o sol*, *o despontar a alva*, *o desejar da felicidade* e *o desejar a felicidade*, *o escrever da historia* e *o escrever a historia*.

b) O *participio* funciona como *adjectivo* e o *gerundio* como *substantivo*. De seu valor syntactico tractaremos mais adiante.

c) Muitas palavras classificadas entre os substantivos e adjectivos não são mais do que fórmas verbaes infinitivas, que mudaram de categoria pela frequencia com que eram empregadas como nomes, taes são: — *poder*, *dever*, *haveres*, *viveres*, *salvo*, *escuro*, *obscuro*, etc.

704. INFINITIVO PURO E PREPOSICIONAL. A forma typica infinitiva, chamada *presente do infinito* ou *infinitivo presente*, está, em geral, na phrase, subordinada a um verbo regente, a que em latim se prendia directamente, de sorte que se apresentava sempre *puro*, não *preposicional*, isto é, não regido de *preposição*. Na passagem do latim para o portuguez, operou-se uma mudança neste sentido, e muitos infinitivos passaram a ser regidos de *preposição*. Quer isto dizer que seu character de substantivo se torna proeminente na nova lingua.

705. INFINITIVO PURO. Após certos verbos que exprimem — *declaração, desejo, affecto, etc.*, conservou o portuguez a tradição latina no *infinitivo puro*, taes os verbos — *declarar, crer, saber, imaginar, querer, desejar, sentir, estimar: declaro estar contente, creio irem elles, sei cumprir meus deveres, quero ficar, sinto andarem as coisas ás avessas*. Estes infinitivos puros, regidos por taes verbos, constituíam as orações infinitivas características do lat. class. *Democritus dicit innumerabiles esse mundos* (Cic.) = *diz D. serem innumeraveis os mundos*. O port. adquire a faculdade, extranha ao lat. literario, de reduzir essas orações do modo infinito ás orações do modo finito, introduzidas pela conjuncção *que*: *declaro que estou contente, creio que elles vão, sinto que andem as coisas ás avessas*.

Veio-nos esta faculdade de redução, que dá maior variedade á phrase vernacula, da b. latinidade, pois ahí já se encontram construcções, como esta — *non scio quod dicam*. Esta redução, porém, não é possível com os verbos — *poder e dever*, que, seguidos do infinitivo, se constituem auxiliares de *modo* e formam *conjugações periphrasticas*: *posso fazer, podia fazer, tenho podido fazer, etc., devo estudar, devia estudar, deverei estudar, etc.*

**Obs.** E' de notar que nestas conjugações periphrasticas com o verbo *dever*, são inusitados os tempos compostos com o participio de *vido* — *eu tenho devido estudar*. É raro o preterito — *devi estudar, devei estudar*.

706. INFINITO PREPOSICIONAL. Rompendo com a tradição latina, o port., e, com elle, as outras linguas romanicas admittem o infinitivo preposicional (*lembro-me de ter lido* = *memini me legere*). Quando em lat. apparecia a preposição, o verbo ia para o gerundio: *potestas liberandi captivos a vinculis* = *o poder de libertar os captivos das prisões, sapientia est ars vivendi* = *a sabedoria é a arte de viver*.

Desenvolveu-se, porém, no *romance* largamente o infinitivo preposicional, maxime com a prep. *de* e *a*, de que dão testemunho os textos archaicos do portuguez, como vimos na regencia.

## Tempos

707. TEMPOS do verbo são as diversas *épocas* em que se póde realizar a acção por elle expressa.

Os tempos verbaes apresentam dois aspectos syntacticos distinctos, que se referem á *fórma* e ao *valor significativo*.

### I. TEMPO EM RELAÇÃO Á FÓRMA.

708. Em relação á *fórma*, os tempos dividem-se em dois grupos que ideologicamente se correspondem: tempos *simples* e tempos *compostos*.

Já vimos na Morphologia que as linguas romanicas, em seu movimento *analytico*, crearam, ao lado de cada tempo simples da conjugação latina, um tempo composto como os verbos *ter* e *haver*, transformados de verbos *concretos* em verbos *abstractos* ou *auxiliares*, como se vê em seguida:

Amo — tenho ou hei amado  
Amava — tinha ou havia amado  
Amei — tive ou houve amado  
Amara — tivera ou houvera amado  
Amarei — terei ou haverei amado  
Amaria — teria ou haveria amado  
Ama — tem amado  
Ame — tenha ou haja amado  
Amasse — tivesse ou houvesse amado  
Amar — ter ou haver amado  
Amando — tendo ou havendo amado

### II. TEMPOS EM RELAÇÃO AO SEU VALOR SIGNIFICATIVO.

709. Os tempos indicam as diversas *épocas* da duração, em que se realiza a acção verbal, e, como são trez essas *épocas*, que correspondem ao tempo em que se falla, ao anterior e posterior a este, segue-se que são os tempos *fundamentaes* — o *presente*, o *passado* e o *futuro*.

Cada um desses tempos fundamentaes offerece aspecto secundario e empregos varios, que passamos a estudar.

Antes, porém, releva observar que as diversas *épocas* da duração, expressas no *presente*, *passado* e *futuro*, só se fazem sentir com rigor no modo *indicativo*. Nos outros modos a noção de tempo é mais determinada pelas circumstancias da phrase, do que pela *fórma* verbal.

710. TEMPOS DO INDICATIVO. O modo *indicativo*, como já nos dá a entender o seu nome, é o modo da realidade, os seus tempos indicam épocas definidas da acção verbal como *presente*, *passado* e *futuro*.

1. PRESENTE. O *presente* exprime a acção verbal no momento em que se faz, no acto da palavra: *escrevo*, *estudo*. Sendo momentanea a acção, é ella indivisivel: não é *perfeita* ou acabada, nem é *imperfeita* ou inacabada, é *actual*.

Sem embargo de seu valor actual, pôde o *presente* do indicativo, por extensão, indicar o *passado* e o *futuro*, bem como um facto permanente nas trez épocas.

a) Indica o *passado*, quando o narrador, querendo tornar a acção mais viva, se transporta em espirito ao passado e descreve os factos como se presentes fossem, p. ex.: “Assume Caxias o commando das tropas, ataca o inimigo, vence-o, e põe termo á prolongada guerra”.

b) Indica o *futuro*, quando queremos expressar com mais segurança um facto a realizar-se em futuro proximo: *Eu lá vou daqui a pouco, parto para a Europa no proximo paquete. — No sabbado vou a Val-de-Lobos, a ver se o campo me restitue o antigo vigor* (A. H., C. 3.66).

c) Indica uma verdade permanente, um facto que se realiza em qualquer das épocas da duração:

O mal existe — asno com fome bugalhos come — o homem vive, lucta e morre — Na vida são os Mecenas que douram com os brilhos mundanos, que lhes sobejam, os louros altivos dos Vergilios; na morte são os Vergilios, que illuminam e perpetuam com os reflexos de sua gloria os vultos secundarios dos Mecenas (L. C.) .

8. PASSADO. O tempo *passado* é a época indefinida anterior ao acto da palavra. E' elle divisivel, porque a acção passada pôde ser considerada nos diversos momentos da duração com relação ao maior ou menor afastamento do acto da palavra, e, ainda, com relação a um outro facto, a que a acção verbal é contemporanea ou anterior; dahi a subdivisão do passado em — *perfeito*, *imperfeito* e *mais-que-perfeito*.

Do latim recebemos estes trez aspectos secundarios do passado, a que demos, com a creação das fórmulas compostas ou periphrasticas, mais precisão *analytica*.

I. PERFEITO. — *Perfeito*, como sôa a palavra (*per* + *feito*, *per* com valor intensivo), designa a acção, verbal *feita*, *acabada*. Passado *perfeito*, ou *preterito perfeito*, como mais geralmente se chama, é, pois, o tempo que indica uma acção completa no acto da palavra.

Porém, o espirito romanico, em sua evolução *analytica*, discriminou nesse *preterito perfeito* dois aspectos, a que os grammaticos francezes chamam *preterito definido* e *preterito indefinido*.

a) *Preterito definido* ou *definito* é o passado absoluto, expresso pela fórmula simples, recebida do latim: *comi* (*comedi*), *amei* (*amavi*). A acção é nelle representada como tendo origem e conclusão em um momento no passado sem outra relação com o presente se não a de simples anterioridade.

b) O *preterito indefinido*, porém, exprime uma acção que não só é anterior ao presente, mas cujos resultados duram até o presente: *tenho comido laranjas*, *tenho lido o livro*, *tenho dicto* = *tenho acabado de fallar neste momento*, *tenho chegado neste instante*, *hei concluido neste momento*. Esta relação com o tempo actual lhe é dada pela propria fórmula de auxiliares (*tenho* e *hei*, pres.), e sugere naturalmente uma certa continuidade de acção.

A esta theoria dos dois tempos, que corresponde ao seu genio historico, conserva-se ainda fiel o portuguez, onde é clara a distincção entre — *comi pão* e *tenho comido pão*. O francez moderno, porém, como observa Darmesteter, os tem confundido, e á fórmula composta (*passado indefinido*) dá o sentido absoluto da fórmula simples (*passado definido*), p. ex.: *j'ai mangé mon pain*, cujo sentido não é (como de-vera ser) — *tenho comido meu pão*, mas — *comi meu pão*. Apenas resiste, mantendo a distincção historica entre esses dois passados, o francez literario, que prolonga artificialmente, no dialecto culto, o valor de um tempo votado ao esquecimento no uso vivo da lingua.

Faz-se mister, portanto, na traducção do francez, verter a fôrma composta pela simples em portuguez, salvo quando algum adverbio ou circumstancia da phrase vier suggerir o sentido primitivo da fôrma periphrastica.

II. IMPERFEITO, como sôa a palavra (*in + per + feito = não feito*) designa a acção verbal não feita, inacabada. *Passado* ou *preterito imperfeito* é, pois, o tempo que enuncia uma acção *passada* quanto ao acto de palavra, e *contemporanea* a um outro factó, expresso ou não (ordinariamente expresso) na phrase, p. ex.: *Partia o trem, quando cheguei*. A partida do trem, passada em relação ao acto da palavra, ao momento em que fallo, é, entretanto, contemporanea ao factó de minha chegada á estação. Se se quizer dar mais calor á phrase, levar-se-á o segundo verbo ao imperfeito: — *Partia o trem, quando eu chegava á estação*. Neste caso, a reciproca contemporaneidade dos dois factos verbaes, passados ambos em relação ao acto da palavra, é *vivida* ou intencionalmente enunciada.

a) O *preterito imperfeito*, é, por conseguinte, um tempo de *dupla relação*: relaciona-se como *passado* ao acto da palavra, e, como *presente*, a um acontecimento no passado; é, como diz Brunot, um *presente no passado*.

b) Além deste sentido primordial, evolueu-se um outro analogo, que consiste em exprimir um *facto habitual*, uma *acção frequente*:

Os antigos deitavam-se cedo e levantavam-se de madrugada, e eram, por isso, robustos e alegres — O doente estava abatido e o medico o animava — Em sua mocidade, era elle pobre.

c) Finalmente, um terceiro emprego do *preterito imperfeito* se nos offerece, mui commum entre os classicos quinhentistas e seiscentistas, e que ainda hoje encontra apoio em bons escriptores e no fallar commum, consiste elle no emprego deste tempo pelo *imperfeito do condicional*:

Se elle viesse, eu sahia (sahiria) — Se no outro mundo não houvera inferno, e neste mundo não houvera iustiza, era (seria) muito bom. (A. V.).

Um tal phenomeno explica-se pela affinidade lexicoge-

nica do imperfeito do condicional com o imperfeito do indicativo, visto ter aquelle sua origem neste, bem como pela afinidade ideologica com o lat. class. Em lat., o sentido de nome condicional era expresso pelo *imperfeito* e *perfeito* com verbos designativos de obrigação ou possibilidade:

Pompeius erat diligendus = dever-se-ia escolher Pompeu — Deleri exercitus potuit = o exercito teria podido ser destruido.

III. MAIS-QUE-PERFEITO e PERFEITO ANTERIOR. Intima é a relação entre o *mais-que-perfeito* (*tinha estudado* ou *estudara*) e o *perfeito anterior* (*tive estudado*), e subtil é a differença entre elles, de modo que a lingua os confundiu, obliterando-se o segundo no uso moderno.

a) O *mais-que-perfeito*, quer em sua fórmula simples (*estudara*), quer em sua fórmula composta (*tinha estudado*), enuncia uma acção duplamente passada (é um tempo de dupla relação): passada em relação ao acto da palavra e passada, ainda, em relação a um outro facto expresso na phrase ou subentendido: *Eu tinha concluido* (ou *concluíra*), *quando elle chegou*.

b) O *perfeito* ou *preterito anterior* enuncia tambem uma acção duplamente passada, é egualmente um tempo de dupla relação, porém differença-se do *mais-que-perfeito* em indicar a acção passada recentemente ao facto enunciado na phrase: *Eu tive concluido a leitura, quando elle chegou*. A chegada d'elle foi immediata á conclusão da leitura, ao passo que esse character recente não se deduz do *mais-que-perfeito*: *Eu tinha concluido a leitura, quando elle chegou*.

O *preterito anterior* subsiste em francez, porém em portuguez apenas apparece e raramente na linguagem litteraria. Temo-lo substituido pelo *mais-que-perfeito* e, mais commumente, pelo perfeito simples: *Conclui a leitura, quando elle chegou*. De um outro processo dispõe a lingua para exprimir o sentido do desusado *preterito anterior*, que consiste em dar ao verbo *ter* valor concreto e ao participio variavel valor de adjectivo: *Eu tive concluida a leitura, quando elle chegou*.

No v. port. era de largo uso o preterito anterior, e hoje só esporadicamente é elle encontrado em alguns escriptores modernos, que procuram, na assidua conversação dos classicos, reagir contra o esquecimento de termos e expressões antigas. Exs.:

Depois que Hercolles *ouve fuyta* aquella duas ymagees... ouve sabor de veer toda a terra d'Espanha (T. Arch. 45) — Tanazinha como houve feito o sinal da cruz, non viu omen nem molher na nao nen no leito (C. Arch. 59) — E quando o omen isto teve feito, falou a el-rei (Ib. 60) — E depois que lhes esto ouve dito, desapareceo-lhes (Ib. 110) — Depois que el-rei teve falado com João Fernandes tudo o que lhe cumpria... fel-o tornar encobertamente (F. Lopes, C. de D. Fernando. 7).

**Obs.** O *mais-que-perfeito* simples tende a desaparecer do uso vivo da lingua, supplantado pela fórma composta, e a restringir-se ao dialecto literario. No Brasil já é desconhecido no fallar do povo, porém resiste ainda em Portugal.

3. FUTURO. O *futuro*, conforme o seu etymo (*futurus* = *o que ha de ser*), exprime a acção em um tempo por vir. Possui elle duas fórmas, uma *simples* (*amarei*) e a outra *composta* (*terei amado*). A fórma simples (*historicamente composta* = *amare* + *habeo* = *amar* + *hei* = *amarei*) é chamada *futuro imperfeito*, porque indica mera futuri-dade, enuncia uma acção realizavel, contemporanea, ás vezes, com um outro facto a realizar-se: *Irei*, ou *irei quando elle vier*.

A fórma composta é chamada *futuro perfeito*, por isso que enuncia um facto anterior a um outro mais afastado, procede dessa circumstancia a razão dos diversos nomes com que é conhecido em grammatica — *futuro perfeito, anterior* ou *passado*: *terei* ou *haverei amado*.

Em sua fórma simples, tem o *futuro* duas applicações secundarias:

a) Pelo imperativo, em prescripções ou mandamento:

Amarás o teu proximo como a ti mesmo. não furtarás. não matarás.

b) Para exprimir duvida ou affirmacção attenuada:

Elle é homem de bem. Será ou não — Não sei se acabará a guerra este anno — Esse será o sentido de suas palavras.



Obs. Por arrojado de linguagem, para exprimir a segurança absoluta de um facto que se ha de realizar, póde o futuro ser expresso pelo *preterito perfeito* :

Se resistir uns dois mezes,  
Affirmo lhe que *escapou* (A. C., O. D., 192).

711. TEMPOS DO IMPERATIVO. O *imperativo*, por sua propria natureza, só tem por esphera de acção o *presente* e o *futuro*, e para essa dupla esphera, possui uma só fórma temporal para a 2.<sup>a</sup> pess. do sing. e do plur. O latim, como vimos, dispõe de duas fórmas: uma para o *presente*, e a outra para o *futuro*. O portuguez adoptou aquella e rejeitou esta.

712. PRESENTE e FUTURO. Com a unica fórma derivada do presente latino (*ama, amae — ama, amate*) exprime o portuguez as duas épocas — o *presente* e o *futuro*, e quando queremos frisar o futuro, recorremos a adverbios, locuções ou clausulas adverbias: *Faze amanhã o que te digo — Cumpre para o futuro o teu dever — Obedece, quando fores chamado*. De sorte que o unico tempo que possui o imperativo é *presente*, quanto á sua origem etymologica, e póde ser *presente* ou *futuro*, quanto á sua significação.

713. Os tempos do *imperativo* podem ser substituidos:

a) Pelo presente do subjunctivo, não só quando queremos supprir a 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pess., que lhes faltam, mas quando queremos attenuar o seu rigor:

Cumpra o seu dever, cumpramos o nosso dever, aconteça o que acontecer — Faça o favor de ouvir-me — Attendam ao meu direito.

No v. port. é frequente esta substituição na 2.<sup>a</sup> pess.  
Exs.:

Sejaes benta do Senhor (G. V., Obs. 2. 39).

Venhais muito embora meu Rei sabedor,  
Venhais muito embora, Rainha esmeralda,  
Venhais muito embora, corte desejada  
Venhais com a benção de nosso Senhor (Id. ib. 293).

Venhais embora, Fernando!  
Eu t'esperarei á portella. (Id. ib. 1. 135).

b) Pelo *presente do subjunctivo* ainda, e isto de rigor, nas phrases *negativas*, visto não admittir o port. imperativo negativo:

Não faças o mal, não digas mal de teu proximo, não julgueis e não sereis julgado.

c) Pelo *futuro imperfeito*, quando queremos enunciar preceitos em tom categorico:

Não matarás, não furtarás, não cubiçarás, não dirás falso testemunho, honrarás teu pae e tua mãe, amarás a teu proximo como a ti mesmo.

d) Pelo *presente do infinitivo*, quando queremos enunciar vagamente nossas ordens e desejos:

Direita volver! por — A' direita volvei! — Passar bem. por — passae bem! — Carregar! — Descançar!

714. TEMPOS DO CONDICIONAL. Relacionados etymologicamente ao *imperfeito do indicativo*, os dois tempos do condicional, a elle se prendem tambem ideologicamente. E por isso são frequentemente substituidos pelo *imperfeito e mais-que-perfeito* do indicativo, como veremos.

#### 715. EMPREGO DOS TEMPOS DO CONDICIONAL.

a) A noção de tempo é muito vaga tanto na fórmula *simples* (*amaria*), como na *composta* (*teria amado*), se bem que nesta se possa discernir mais claramente a noção do *passado perfeito*. Os dois tempos apresentam-se, em geral, como um *futuro no passado*. Quando dizemos  *julgava que elle viria*, a acção de julgar é passada, a de *vir* é futura em relação a ella, e ambas são passadas em relação ao acto da palavra. O mesmo se póde dizer, *mutatis mutandis*, a respeito da fórmula composta:  *julgava que elle teria vindo*.

b) A's vezes, em vez de preterito, traz a idéa de *futuro*: *Creio que viria elle amanhã, se fosse chamado*.

c) A's vezes, ainda, traz a idéa de *presente*, de actualidade: *Eu fallaria agora mesmo, se me fosse permittido*.

d) Entre os classicos quinhentistas e seiscentistas era

frequente empregar-se o *mais-que-perfeito* na fôrma simples e na composta pelos tempos do condicional, e, neste caso, geralmente, o verbo da oração condicional punha-se no mesmo tempo: *Se fôra nobre, eu o fizera*, (se fosse nobre, eu o faria); *se tivera sabido, t'o houvera dicto* (se tivesse sabido, ter-te-ia dicto). Ainda hoje na linguagem literaria, em se tractando de assumpto elevado, não raro se emprega o *mais-que-perfeito* pelos dois tempos do condicional, conservando ou não o imperfeito do subjunctivo: *Se o nobre deputado fôra* (ou fosse) *menos partidario, fallára com mais justiça*. A vigencia deste uso tem levado os grammaticos a incluir o *mais-que-perfeito* do indicativo como 2.<sup>a</sup> fôrma dos tempos do condicional e do imperfeito do subjunctivo. Exs.:

Vendo o triste Pastor que com enganos  
Assim lhe era negada a sua Pastora,  
Como se a não tivera merecida ;  
Começou a servir outros sete annos,  
Dizendo : Mais *servira*, se não *fôra*  
Para tão longo amor tão curta a vida (C., Ohrs. 2. 19)

Oh ! quem tornar pudéra a ser nascido !  
Soubera-me lograr do bem passado,  
Se conhecer soubera o mal presente (Id., ib. 19).

e) O *imperfeito* substitue constantemente os tempos do *condicional*, que, aliaz, se prendem áquelles por affinidade etymologica: *Eu ia, se me convidassem*, por — *Eu iria, se me convidassem*.

716. TEMPOS DO SUBJUNCTIVO. O subjunctivo é o modo da possibilidade, e, por isso, seus tempos devem encerrar em si uma certa idéa de futuridade, a despeito de seu valor particular de *presente*, *passado* e *futuro*.

Além disso, em virtude do caracter geral de subordinação, que distingue o modo, seus tempos figuram, em regra, nas clausulas subordinadas em relação de concordancia com o verbo da clausula principal. Esta feição de futuridade e correspondencia pôde-se ver nos exemplos abaixo, onde os tempos do subj. de *temer* correspondem a tempos do fut. de *affirmar*:

**Pres.** :—temo *que venha*  
**Perf.** :—temo *que tenha vindo*  
**Imp.** :—temia *que viesse*  
**Fut. imp.** :—affirmo *que virá*  
**M.-q.-perf.** :—temia *que tivesse vindo.*

**Fut. imp.** :—affirmo *que virá*  
**Fut. perf.** :—affirmo *que terá vindo*  
**Imp. condic.** :—affirmava *que viria*  
**Perf. cond.** :—affirmava *que teria vindo*

717. O *futuro do subjunctivo* desdobra-se nas duas concepções da acção verbal — *imperfeita* e *perfeita*. O futuro imperfeito é simples (*vier*) e o perfeito composto (*tiver vindo*).

718. Apesar da indole dependente do subjunctivo, emprega-se muitas vezes o *presente* e o *imperfeito* deste modo em orações independentes, ora em sentido *imperativo*, ora em sentido *optativo*:

Levante-se — Bons olhos o vejam — Oh ! fossem elles felizes ! —

Venhais em tal hora como elle encarnou,  
Venhais em tal hora como elle nasceo,  
Venhais em tal hora como elle esclareceo  
Aquelle manhan em que resuscitou (G. V., Obs. 2. 293)

Que formosa caravela !  
Quem fosse o capitão della ! (Id. ib., 304).

## Infinitivo

719. Apesar da indole dependente do subjunctivoprehendem — o *presente*, o *perfeito*, o *participio perfeito*, o *participio imperfeito*, o *gerundio*. Todos esses, porém, são fórmias nominaes do verbo, em que a noção de tempo é vaga e indefinida.

720. O PRESENTE E O PERFEITO DO INFINITO. O presente do infinito é a fórmula typica do verbo, que assignala pela sua desinencia a conjugação a que elle pertence. E' com o perfeito, uma fórmula *nominal*, e como tal é obscura em ambos a noção de tempo, embora, em geral, indique um o *presente* e o outro o *passado*.

721. O INFINITO PRESENTE E PERFEITO REGIDOS DE PREPOSIÇÃO. Como nome verbal, podem estas duas fórmias do

infinit. ser regidas de *preposição*; entretanto, apesar de seu caracter nominal, apresentam-se ellas em certas phrases regidas de ~~conjunção~~, p. ex.:

Não ha como trabalhar, não sabe elle como sahir deste aperto, não tem que fazer, não sei que dizer, não ha que ver, tem que fallar, não tem comer, dá muito que pensar — que fazer?

Repugnando tal anomalia, visto que as particulas conjuncionaes tem por função característica ligar proposições no modo finito, supõem muitos uma ellipse, e analysam:

Não ha como ha trabalhar, elle sabe como pôde sahir desta difficuldade, não tem coisa que possa fazer, não ha coisa que possa ver, tem coisa que pôde fallar, não tem coisa que possa comer, etc.

E' inutil a supposição de taes ellipses, ainda mesmo que a evolução historica pudesse justificá-las, pois a lingua já dellas não tem consciencia, e as excepções nunca destruíram a regra. Tal regencia são, pois, factos excepçionaes, que se fixaram na lingua.

722. CORRESPONDENCIA DO INFINITIVO PRESENTE. A noção do tempo no chamado *presente do infinito* é vaga, e pôde corresponder ás diversas épocas e modo nas clausulas subordinadas, conforme a natureza e tempo do verbo regente. Torna-se isto evidente fazendo-se a *reducção* da oração infinitiva para a do modo finito, como se vê em seguida:

Elle afirma	estar	=	que está
„ duvida	estar	=	„ esteja
„ affirmava	estar	=	„ estava
„ duvidava	estar	=	„ estivesse
„ promette	estar	=	„ estará
„ promettia	estar	=	„ estaria

Do exposto se vê que o infinitivo presente pôde corresponder ao *pres.* e *imperf.* do indicativo e subjunctivo, ao *fut.* do indicativo, e ao *imperf.* do condicional.

723. CORRESPONDENCIA DO INFINITIVO PERFEITO. Por semelhante modo o *perfeito* tem as seguintes corresponden-

Elle affirma	ter estado	=	que estava
„ duvidava	ter estado	=	„ tenha estado
„ affirmava	ter estado	=	„ tinha estado
„ duvidara	ter estado	=	„ tivesse estado
„ espera	ter chegado	=	„ terá chegado
„ esperava	ter chegado	=	„ teria chegado

Ahi se vê que o infinitivo perfeito pôde corresponder ao *perf. e mais-que-perf.* do indicativo e subjunctivo, e ao *perf.* do condicional.

724. FLEXÃO PESSOAL DO INFINITO PRESENTE. Phenomeno singular deu-se em portuguez com este tempo do infinitivo: é a sua flexão pessoal.

E' este phenomeno extranho ao latim, bem como ás outras linguas neo-latinas, e só o possui o portuguez e o dialecto gallego, que, em tempos passados, era identico ao dialecto portugualense, que deu origem ao portuguez.

725. ORIGEM DA FLEXÃO PESSOAL DO INFINITIVO. Como se originou tal flexão verbal na faixa occidental da península Iberica?

Provavelmente esse *idiotismo do portuguez* teve origem na coincidência morphologica do infinitivo (*amar*) com o futuro do subjunctivo (*amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem*), sob o impulso analytic, que regia a evolução dialectal das linguas romanicas. A analogia de fórma da 1.<sup>a</sup> pess. do fut. com a fórma infinitiva, e a marcha progressiva da analyse phraseologica na traducção do pensamento teriam levado a lingua a indicar, pela flexão pessoal, o sujeito do infinito: — *amar* (eu), *amares* (tu), *amar* (elle), *amarmos* (nós), *amardes* (vós), *amarem* (elles). O movimento analytic é a tendencia para a clareza na expressão do pensamento, e a indicação do sujeito, no caso vertente, favorecido, aliaz, pela flexibilidade da conjugação vernacula, traz incontestavelmente poderoso subsidio para clarear o sentido da phrase, p. ex.: *Creio estar doente, creio estares doente, creio estarem doentes*. Um tal idiotismo dá decidida vantagem á nossa lingua sobre suas irmãs, tornando-a mais variada, concisa e clara.

726. DIFFICULDADES NO EMPREGO DO INFINITO PESSOAL. Nascido provavelmente da analogia morphica sob o influxo

de movimento analytic, o emprego do infinitivo pessoal tem resistido a todas as tentativas de rigorosa systematização. O uso classico é sobremodo vário, e offerece, a miudo, exemplos incongruentes, difficultando, se não impossibilitando, a indução de leis ou regras, que sirvam de guia segura para os modernos escriptores. O uso classico evidentemente oscilla entre a immobildade original do infinitivo presente e a flexibilidade extraordinaria do modo finito.

727. EMPREGO DO INFINITO PESSOAL E IMPESSOAL. Do uso classico do infinito pessoal e impessoal um grammatico portuguez, Jeronymo Soares Barbosa, e um glottologo allemão, Frederico Diez, nos dão respectivamente duas regras, que até o presente nos tem servido de fio conductor no labyrintho do emprego do infinito pessoal.

#### I. REGRAS DE JERONYMO SOARES BARBOSA.

728. *Jeronymo Soares Barbosa*, em sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, ou *Principios de Grammatica Geral*, escripta em 1803 e publicada em 1822, dá, á pag. 199, as seguintes regras e observações sobre o emprego do infinito pessoal e impessoal:

1.º Todas as vezes que o sujeito da oração regente é o mesmo que o da oração regida, usa a Lingua Portugueza do impessoal desta sorte: *eu quero fazer, tu quizeste fazer, nós queremos fazer.*

Não devia, portanto, dizer Camões:

E folgarás de veres a policia (Lus. XII. 72)

Nem:

...não te espantes

De a Baccho nos teus reinos receberes (Ib. XI. 15)

Devia dizer *ver, receber*, porque os sujeitos destes verbos regidos são os mesmos que os de seus regentes, *folgarás, espantes*.

2.º Emprega-se igualmente o *impessoal*, todas as vezes que lhe baste exprimir a coexistencia do attributo em um sujeito qualquer sem o determinar; e, então, é elle em-

pregado como substantivo verbal, que é, para todos os officios a que se prestam os mais nomes, servindo-se delle, já para *sujeito*, já para *attributo* da oração, como: *mentir é falta á verdade*; já para *complemento* objectivo de outro verbo: *não querer mentir*; já para *complemento* de varias preposições, como: *em mentir ha peccado*; *entre mentir e não mentir ha meio*; *sem mentir posso dizer: de mentir se passa a jurar falso*; *para mentir*, etc.

Usa-se do *peçoal*:

1.º Quando o *sujeito* do verbo infinito é differente do do verbo finito que determina a linguagem infinita, ou pôde haver equivocação sobre qual é o de quem se falla, ainda que seja o mesmo. Então esta linguagem infinita para distincção dos dois sujeitos toma differentes terminações pessoaes, com as quaes se tira o equivoco. Por exemplo: *julgo seres tu sabedor, creio termos sido enganados. A haverem de chegar á manhã, está tudo preparado.*

2.º Quando a oração do infinito, ou como *sujeito* ou *attributo* de outro verbo, ou como *complemento* de alguma preposição, se toma em um sentido não já abstracto, mas pessoal, v. gr.: *o louvares-me tu me causa novidade. Para me louvares com verdade farei aquillo de que me louvas.* Os maus, *com se louvarem*, não deixam de o ser... Aqui ainda que o *sujeito* de ambas as orações pareça ser o mesmo, não o é. O pessoal *louvarem-se* era necessario para exprimir o *sujeito*, que reflecte sobre si a oração ou a reciproca com outro”.

729. Taes são as celebres regras do illustre representante em Portugal da corrente philosophico-grammatical do sec. XVIII e XIX. Obedecendo á indole de sua eschola, estabelece elle regras e distincções, que, embora uteis, estão longe de se conformar com os factos no uso classico do infinito pessoal.

730. AS REGRAS DE SOARES BARBOSA, cifram-se em:

a) Emprega-se o *infinito pessoal*, quando tem elle *sujeito proprio*. diverso do de seu verbo regente (*julgo seres*), e, quando empregado como *sujeito* ou *predicado* (*attributo*), lhe dermos sentido, não abstracto ou



vago, mas concreto ou determinado (*luctarmos é o nosso dever, facil é vencermos*).

b) *Emprega-se o impessoal*, quando tem sujeito identico ao de seu verbo régente (quero estudar), e quando empregado como sujeito ou predicado, o tomamos em sentido vago (*viver é luclar*).

## II. REGRAS DE FREDERICO DIEZ.

731. *Frederico Diez*, celebre philologo allemão (1784-1876), em sua admiravel *Grammatica das Linguas Romanicas* (1836-1843), em que estuda comparativamente as linguas neo-latinas, demonstrando a sua origem commum no tronco latino, assim se expressa sobre o idiotismo de nosso infinito flexionado (Tom. III, pg. 202):

“O portuguez apresenta um traço especial, que já se encontra nos mais antigos textos. Dá elle ao infinito, para designar relações pessoaes, uma flexão inteiramente *verbal*, mas como o provam as preposições, que o precedem, este modo não se torna por isso um verdadeiro tempo. Comtudo este infinito só se emprega no caso em que é possível substitui-lo por um modo finito, onde, consequentemente, elle pôde eximir-se da relação de dependência, que o prende ao verbo principal. E’ indifferente que este infinitivo tenha sujeito proprio ou não. Exemplo em que o sujeito só pertence ao infinitivo: *tempo he de partires* (isto é, *tempo he que tu partas*); *Deos te dê o juizo para te remediares* (*para que te remedies*); *basta sermos dominantes* (*que somos dom.*); *não me espanto fallardes tão ousadamente* (*de que falleis*); *vio nascerem duas fontes* (*que nascião*). Exemplos em que o sujeito é commum aos dois verbos: *não has vergonha de ganhares tua vida tão torpemente* (*de que ganhas*); *todos são alegres por terem paz* (*porque tem*); *este não podeis achar sem me matardes* (*sem que me mateis*). Este infinitivo com flexão, como o infinitivo sem ella, unem-se ao pronome pessoal enquanto sujeito ou regimen, como se vê nas seguintes phrases: *não é necessario pedires me tu isso* (*que tu me peças isso*); *vimos as ursas bambarem-se* (Lus. 5. 15). Se falha esta condição, se o infinitivo depende de auxiliares de modo, não se conjuga: *pudeste ouvir, sabes dar, queres crer*, da mesma maneira *parecem vencer, vereis vir, pretendem vingarse*. Suppri-

me-se por vezes a flexão, quando por isso não soffre a clareza da phrase, p. ex.: *deves buscar outro modo para vos mays descansar* (por *descansardes*). Canc. Gen. II. 270; ás vezes flexiona-se arbitrariamente: *de morrermos desejando* (*desejando morrer*) I. 293; *nam cures de mays chorardes*, *ibid.* 289, e o contrario: *não cures de te queixar* (Rib. Egl. 3)".

732. Taes são as palavras do sabio allemão, que, mais que o grammatico lusitano, procurou, seguindo a corrente historica, a solução do intrincado problema, nos factos da lingua. Observa elle, ainda, em nota que o gallego conjuga tambem esse modo, e cita: *para sairem e entrarem* (Esp. sagr. XLL. 351. O hespanhol literario não possui esta faculdade, e Gil Vicente engnou-se, quando, escrevendo nessa lingua, disse: *teneis gran razão de llorardes vuestro mal* (II. 71).

733. As regras de Diez, mais comprehensivas e consentaneas com o uso geral dos classicos, que as de Soares Barbosa, resumem-se nas seguintes:

1.<sup>a</sup> Emprega-se o infinito pessoal toda vez que é elle conversivel no modo finito sem modificação de sentido :

Creio	saberes	=	que	sabes
"	sabermos	=	"	sabemos
"	saberdes	=	"	sabeis
"	saberem	=	"	sabem
Folgo	de veres	=	de	que vejas
"	" vermos	=	"	" vejamos
"	" verdes	=	"	" vejaes
"	" verem	=	"	" vejam

Entretanto, *sabes dar parabens*, e não — *sabes dare parabens*, embora possamos dizer — *sabes que dás parabens*, pois esta phrase não tem o mesmo sentido daquella. Todavia poder-se-á dizer — *sabes estares doente* = *que estás doente* (aqui tambem póde dar-se diversificação de sentido entre *sabes estares* e *sabes estar*).

2.<sup>a</sup> Emprega-se o *infinito impessoal* quando o infinito não é conversivel no modo finito sem alteração de sentido, o que commummente se dá quando o verbo regente é um auxiliar de modo, como — *dever, poder, querer, desejar, acertar* : *deves estudar* *podeis fallar*, *queremos contar*, *desejamos partir*, *acertaste de chegar*.

**Obs.** Reconhece Diez que, quando a clareza da phrase não exige, deixa-se frequentemente, apesar da regra, de se empregar o pessoal, que, entretanto, apparece muitas vezes contra a regra.

734. O USO CLASSICO DO INFINITO PESSOAL E DO IMPESSOAL. Como já notámos, o uso classico é vário, e não só se regia pelos princípios, que o eminente romanista<sup>1</sup> allemão synthetizou nas regras, que acabamos de estudar, mas ainda pela euphonia da phrase e clareza de sentido, afóra a incongruencia e arbitrariedade, que é muitas vezes patente. E' o que observamos na seguinte lista de alguns exemplos de escriptores de todas épocas do portuguez:

### Infinitivo impessoal

1. Quando fallecermos, ou nos tentares, sabermos donde vem para nos correger e avisar. (L. Cons. 45)

3. Agora... vos contaremos os linhagens... dos que devem a armar e criar e que andarão a la guerra a filhar o reyno de Portugal (Port. Mon., Liv. de Linh., 175).

5. Mandou alcarac Reis e Infantes e outros ellos homees acometer os cristaãos (Ib. I. 86).

7. Fizerão com o Catual que os retivesse e obrigasse a tirar os navios em terra (Dec. I. 351).

9. Nem são dignos de ser chamados homes. (H. P., Imag. I. 57)

11. Nam os deixa sahir do ninho e voar ao ar aberto: mas depois de bem empennados os lança fóra do ninho a voar. (Id. ib., 483).

15. Somente para que lançando-as logo a voar, os torne a pôr em sua liberdade. (L. C., I. 15)

15. Permite os homes pecar. (A. Arraiz. D. 556)

### Infinitivo pessoal

2. E assi digo que he bem de lavar e criarem bestas e gaa-dos, mas nom de tal guisa que se desemparem de serem pres-tes para bem servirem (L. Cons. 37).

4. Poede em voso corações de husardes do que husarom aqueles donde viides (Port. Mon., Livr. de Linh., 186).

6. Nunca pensemos seermos bastantes para viir a perfeiçom. (L. Cons., 219)

8. Trabalharam-se todos... de guardarem todas suas cousas e colherem... por não serem achados... e com elles se supportarem. (F. Lopes, C. de D. Fern., 11)

10. Tinham por costume não irem ante o Principe, se não quando os mandava chamar. (Dec. I. 337)

12. Tinham licença pera andarem pela Cidade. (Ib. 422)

14. Não vos esqueçais de agradecerdes a Deos o bõ successo que tivestes no vosso negocio. (Peregr., 2. 67)

16. O' puras aguas cristalinas, quanta razão tendes de serdes pera mim turbas. (T. Redonda, 93)

17. O sec. 12 viu pullular muitas discordias (A. H.).

19. Convida os homens a perseverar na continuação do passado (A. V., S. 3. 8.)

21. Os velhos, as mulheres, os meninos que não teem com que se defender, morrem como ovelhas innocentes (A. V., C. 87)

23. E nos estados deste mundo a muytos faz acrecentar em beês e virtudes. (L. Cons., 90)

25. São os principes obrigados a mandar pôr o fogo a algumas casas. (Luc., I. 16) ... lançando-os a voar. (Ib. 15)

27. Mais promptos a buscar o perigo que a saúde... as vozes incitavão a outras a escalar os baluartes (J. Freire, 106, 107 .

29. Senhor vos soubestes bem o que faziéis em deyxar esta batalha, por nam comprar guerra com vossa prima. (Palm., I 53)

31. E já que acharã em desposiçã pera tomar armas, se forã aa corte del rey por ver a orde de sua vida. (Palm. I. 91)

33. Entã se arredaram a fora por descansar do trabalho passado. (Palm., I 140)

35. Obrigados são os amigos a permanecer em suas amizades e favorecer os miseros. (Arraiz Dial. 4) — Os Judeus eram obrigados a fazer (Id. 221).

37. Deixou Deos totalas gerações andar seu caminho. Permite Deos os homes pecar. (Arraiz., Dia. 534)

39. E assi em pena de sua desobediencia nos obrigou a todos deixar em terra os corpos. (Ib 593)

18. E porque vy muytos homeês errarem per mingua de querer, ou saberem assy reger seus corações (L. Cons., 70)

20. Peccar é apagarem-se as alampadas ás virgens necias; peccar e emmudecer é apagar-se-lhes as lampadas, e fechar-se-lhes a porta. (A. V., S. 2. 292)

22. Tudo são patranhas indignas de se relatarem... obrigando-os a lh'as fazerem nas praças. (Luc. I. 14. 17)

24. E coeste os criou ao leite de seus peitos, tee que a hidade os ensinou a sustentarem se de outro mantimento (Palm. I. 24)

26. Gloriãose os Judeus de crearem e conhecerem, o verdadeyro Deos (Arraiz. Dia. 208)

28. Pera dar e nã pera se guarda em as riquezas mundanas se hã de desejar (Palm. I. 142).

30. O perigo, em que se poem os desconfiados de lhe fazerem tudo o contrario (D de Payva Cas. 109).

32. Isto obrigou os Apostolos a se acharem juntos em Roma. (Arraiz. Dia. 466)

34. Para que daly por diante os não constrangesse a pagarem tributo (Peregr. I. 183).

36. Em Caudia nascem ciprestes sem se plantarem, e de meus olhos manão lagrimas sem nunca cansarem. (Arraiz. Dial. 11)

38. Trabalha por não fazeres forçado o que necessariamente ha de ser (Arraiz, Dia. 572).

40. Suspirareis por hũa hora mais de vida, para fazerdes penitencia. (Arraiz, Dia. 592)